

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & A afirmação do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 400 p.

letrônica

Vicentônio Régis do Nascimento Silva¹

As relações entre Literatura e História ou História e Literatura dispõem de abordagens específicas que tentam comprovar, por meio dos estudos historiográficos ou literários, como uma teoria do conhecimento se sobrepõe à outra ou, em hipótese menos pretensiosa, como ambas se complementam para erigir o grande campo de compreensão das relações humanas sem estabelecer vínculos verticais entre si. Dentre os estudiosos dessas relações, Luiz Costa Lima.

Doutor em Literatura, Crítico Literário, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Pontifícia Universidade Católica fluminense, Luiz Costa Lima publicou importante trabalho que se transformou em referência e a que intitulou *História Ficção Literatura* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). Como se oferecesse continuidade a um projeto mais complexo e de longa data, lança mão do imaginário e do romance como elementos respectivamente integrantes da historiografia e da literatura para demonstrar que as relações entre Literatura e História, mas não necessariamente entre História e Literatura, ainda se mantêm vivas, mutáveis e controversas e, sob essas perspectivas, constrói uma temática cujo ápice ocorre com a publicação da obra acima e desemboca nestas reflexões sobre controle de imaginários (assim mesmo, no plural) e o fortalecimento romanesco.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – campus de Assis/SP) e professor da Faculdade de Presidente Epitácio (Presidente Epitácio – SP). Crítico Literário, publicou “Literatura e História” (Jornal Poiésis – Saquarema/RJ – edição de março/2009) e “O papel secundário da História” (Revista Multidisciplinar Saber Acadêmico – UNIESP – versão eletrônica de junho/2009).

Apesar do projeto gráfico simples, a diagramação de *O controle do imaginário & A afirmação do romance* realça a leitura por três motivos compósitos: a linguagem, o ritmo da linguagem e a perspectiva didática.

Vazada em léxico erudito e sem demonstrações desnecessárias de cultura vasta e superficial, a fluidez da linguagem permite a ampliação do ritmo da escrita. Sem se apresentar cansativo – já que a finalidade didática se realça da primeira à última página – o volume torna-se indispensável não apenas aos leitores especializados da História e da Literatura, mas igualmente aos que procuram aprofundamento válido, sistemático, coerente e cuidadoso.

Como ressaltadas na nota introdutória, as questões relacionadas à História compõem os interesses do autor que, reescrevendo parte de suas obras e relendo livros que as integraram, pensou em se aprofundar no tema do controle do imaginário. A primeira parte do livro trata da crise atravessada pelo controle a partir do século XVIII quando os mecanismos de verificação, coação e repressão se davam pela fiscalização das narrativas transmitidas entre grupos ou, no mesmo grupo, de gerações para gerações.

Segundo o autor, o século XVIII apresentaria os primeiros problemas para o controle em decorrência da mudança de suporte empregado para a transferência de informações. A oralidade cederia espaço à escrita permitindo que narrativas e relatos chegassem a lugares, pessoas e tempos diferentes contendo, desde sua concepção, a idéia original (porém, não necessariamente inédita) dos que as proferiram. Além disso, a escrita se arraigaria como habitus dos grupos sociais uma vez que permitiria, diferentemente do praticado na esfera meramente oral, a reflexão, a comparação, a discussão, o questionamento, o cotejamento, o conflito e, finalmente, as convergências, as divergências, as alianças e os confrontos entre examinadores, leitores ou espectadores que analisariam o mesmo objeto sob aspectos diversos, diferentes ou antagônicos.

Gênero ficcional da modernidade, o romance causaria estranhamentos e rupturas nas leituras estritamente épicas ou heróicas, divergindo dos gostos e dos interesses da sociedade anterior ao século XVII, despertando a curiosidade dos adultos e, ao mesmo tempo, criando dicotomias mescladas de hostilidade e motivação.

Se em *A ordem do discurso* (São Paulo: Loyola, 2005, p.8-9), Foucault ressalta as preocupações em torno dos elementos constitutivos que produzem o discurso, evidenciando a cautela de inserção de frases ou informações que se cristalizem na memória coletiva, Luiz Costa Lima vislumbra os artifícios de controle presentes em todos os lugares e em todos os tempos, declarados principalmente quando da explosão de crises institucionais ou políticas.

Em princípio, está sempre implícito, pois não há sociedade sem regras, e onde há regras há controle. Mas ele não assume um aspecto visível e marcante se a instituição ou a sociedade que o ativa não está em crise, ou sob sua iminente ameaça. Se o controle será exercido sobre o romance, tanto se pode dizer que a crise afetara a Igreja católica, enquanto matriz dos valores institucionalizados, como atingira o poder configurado nas cidades-Estados italianas. (LIMA: 2009, p. 21)

Se o romance surge em um ambiente de conflitos, de discussões, de rivalidades e de disputas, o discurso criado em suas páginas e o imaginário construído a partir delas são objeto de desejo dos dominadores para quem o controle do que se escreve – e, se possível, de quem escreve – se transforma em prioridade para manutenção e aumento do poder que, de alguma maneira, exorbita sua competência totalitária para não mais se restringir ao imaginário criado ou ratificado, mas para influenciar, intervir e modificar os limites da imaginação de quem cria.

Questionando essas transformações, influências e intervenções, Luiz Costa Lima vale-se de teorias de filósofos, sociólogos e literatos para compor o terceiro capítulo da primeira parte, que tratará das querelas entre imaginário e imaginação, e rematar a discussão do controle, à qual dedicará o capítulo cinco, destacando-o como necessidade humana (p. 180-181) e distinguindo o romance dos relatos de viagem, conferindo àquele status essencial no campo literário.

O romance assume caráter tão importante na contemporaneidade que o autor lhe dedica a segunda metade do livro, analisando sua concepção assim como alguns nomes (de escritores e de obras) que o pensaram, praticaram e questionaram.

Os quatro capítulos desse grupo são coerentes e objetivos, mas valeria avultar o caráter didático do primeiro que trata da concepção do romance

como o conhecemos, das discussões em torno das obras que o firmaram, das contraposições e das superações em relação a gêneros que o antecederam, da inserção temporal em contextos políticos, sociais e econômicos geralmente conturbados.

O autor salienta o Quixote como obra originária assim como os diálogos que o livro de Cervantes mantém com ingleses e franceses. Daí que o segundo capítulo alerta para a fala espanhola do romance que, aos poucos, se altera com o trabalho de Defoe, perscrutado sob os auspícios de Weber, que norteará o entendimento da situação calvinista. Choderlos de Laclos e Laurence Sterne são os investigados nos últimos capítulos da segunda parte.

A percepção que Luiz Costa Lima emprega na produção ora resenhada aponta claros sinais de aprofundamento no entrelaçamento e na complementaridade, demonstrando como assuntos tão relacionados à História (controle, disciplina, relações de coordenação e de verticalidade, imaginário, memória individual e coletiva, esquecimentos, verdades) interferem e, portanto, auxiliam na análise, na teoria e na historiografia literárias.

Recebido: 17/09/2009

Aceito: 16/10/2009

Contato: vicrenos@yahoo.com.br